

# O "Notícias" ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIARIO DE NOTICIAS"

DIRETOR  
LEONTO DE BARROS  
DIRECTOR-GERENTE  
CAROLINA FIDELIS CHRISTO  
L. F. C. & C. E. S.  
Propriedade da EM-  
PREZA DO «DIARIO  
DE NOTICIAS», SEDE  
RUA DIARIO DE NOTI-  
CIAS, 18 - LISBOA  
OFICINAS GRAFICAS  
OCOGRAVIRIA, LIMITADA  
R.D. PEDRO V, 18 - 1.691 N.  
LISBOA  
PREÇOS DE ASSINATURAS  
Portugal Cont. 1000\$00  
Espanha - 500\$00  
França - 300\$00  
Inglaterra - 200\$00  
Outros países: 100\$00  
NUMERO AVULSO 5\$00

EDITOR: António da Neiva Carvalho



UM CLICHÉ HISTÓRICO DE SERRA RIBEIRO

## A PROCLAMAÇÃO DO CHEFE DO ESTADO

Sua Exceléncia o Senhor Presidente da República, rodeado de altas personalidades, na escadaria do Congresso, no momento da sua proclamação.

SÓ COMPRAM PRODUCTOS NACIONAIS

**As Porcelanas da Vista Alegre**

São as mais baratas e rivalizam em qualidade com as estrangeiras.  
Encham-só à venda em todos os estabelecimentos  
e no Depósito da Fábrica.

Largo do Chiado, 146 — LISBOA

**MUSICAS E PIANOS**

Ernst Krause



Gramofones, discos de  
vidro, acrósticos, instrumentos  
de fadista e  
acordeon, acervos,  
Encham-só à venda

SEMPRE NOVIDADES  
SOARES & VIANA  
LIMITADA



48, RUA DO LORETO, 50 — LISBOA

**A COMERCIAL**

18, Travessa da Trindade, 22

EM FRENTE AO TEATRO DO CIRASO

Telefones 3992 C.

SEÇÃO DE PENHORES (juros excepcionais). — Empresa  
se achar sobre tudo quanto ofereça garantia, seja  
qual for a sua contencioso para o que elas de uma mo-  
derna CASA FORTE de absoluta confiança.

SEÇÃO DE OURIVESARIA. — Objectos de ouro novos  
e usados, com brilhantes e pedras preciosas e grande va-  
riedade de pratas úteis e artísticas.

PREÇOS DE COMBATE — PIANOS DOS MELHORES AUTORES

SEÇÃO DE ANTIGUIDADES — Compram-se objectos anti-

quedas de ouro e prata, joias, relógios, etc.

TRANSAÇÕES RÁPIDAS SERIEDADE E SPOICO

**CANETAS E LAPISEIRAS****CONKLIN, WATERMANN, MÉTÉORE****E ZODIAC**

São as marcas preferidas  
por toda a gente de  
gosto.

Há-as

com aparo de ouro,  
desde 22\$50 a 180\$00 na:**HAVANEZA DE S. DOMINGOS**

15, Rua de Barros Queiroz, 17

(Angra Travessa de S. Domingos)

DISBOA

**Exposição de Sevilha**

Aos Expositores Portugueses:

**Catalogos - Albuns de Propa-  
ganda - Cartazes - Réclames  
Bilhetes Postais Ilustrados**

Contra toda a competição do Estrangeiro em qualidade e preço



LISBOA-RUA D. PEDRO V, 18 - Telefone Noro 631

ORÇAMENTOS GRATIS

**As Pratas Artísticas**

**SIGNE Augusto Luiz de Souza, L. da**

PREMIADOS COM A MAIS ALTA RECOMPENSA  
NA EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA  
e que na exposição na casa Barbosa & Costa, L. da,  
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, N° II, tem  
constituído o acontecimento artístico da semana

Estas pratas, em diferentes estilos admiravelmente cinceladas,  
são as preferidas pelas pessoas de bom gosto.

Exposição permanente e venda na:

**Joalharia Marianno Costa**

Rua do Ouro, 243



## MEIO MINUTO DE ATENÇÃO

CONFORTO... Os que desejam andar calçados confortavelmente, conseguem-no usando os saltos GOODYEAR. ... ESTILO... Os saltos GOODYEAR dão a máxima elegância e boa aparência ao calçado. ... DURAÇÃO... A economia desejada por todos os que usam saltos de boracha é obilda pelos que preferem o

**GOODYEAR**  
a marca de superior qualidade

**GOOD YEAR**

CONCESSIONÁRIOS ÚNICOS:

CORVACEIRA, MARIANO &amp; GOMES, L. da

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 250, 1.º PORTO — Rue Alexandre Braga, 98 e

USE NA SUA TOILETTE OS PRODUCTOS

**RAINHA DA HUNGRIA**  
E TODOS OS DA  
**ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA**

PEÇA LISTA DE PREÇOS HOJE MESMO PARA

LISBOA  
Avenida da Liberdade, 35  
Telefone 2641 — Telegramas BELEZAK

RIO DE JANEIRO  
Avenida Rio Branco 154 e R. 7 de Setembro, 166  
Telefone 1701 — Telegramas BELEZAK

**Tabacaria CHAVE DE OURO**  
34, ROCIO, 35

ABRIU AO PÚBLICO com as mais acreditadas marcas de tabacos nacionais e estrangeiros dispondo de um elegante FUMOIR onde em confortáveis «MAPLES» os seus estimados clientes podem ler as principais revistas e jornais estrangeiros e nacionais que ali se encontram à venda.

A MAIS COMPLETA VARIEDADE EM AGUAS MINERAIS — PERFUMARIAS — BIJUTERIAS — ROMANCES — FIGURINOS ESTRANGEIROS — BILHETES POSTAIS ILUSTRADOS etc.

Brevemente inauguração da cabine com sensacionais aparelhos de ORAMOFONES e grande e variado sortimento de DISCOS.

ANO PRIMEIRO — NÚMERO QUINTO

## a semana ironica

por NORBERTO LOPEZ

MORTE AOS RATOS!

NINGUÉM diria que eram tão perigosos para a humanidade os pequenos roedores que são vulgarmente conhecidos pelo nome de ratos — e, algumas vezes, ratastas.

Pois visto reunir, em Paris, os sábios de todo o mundo, proposta famente para estudar a melhor forma de combater a invasão ratiária, que se está operando, dia a dia, de um modo alarmante para a saúde pública.

A decisão da nova conferência é esta: «Guerra aos ratos, para bem da humanidade!». Guerra de extinção, guerra sem tréguas, guerra letal contra estes animais-nêctos que comem o queijo, transmitem a peste e danificam a agricultura.

Todos os processos são bons, — aconselham os entendidos: venenos, gases asfixiantes, vapores tóxicos, arénico, estricínilo, fosforo, nitrônio... Parece que só se devem usar ratocidas.

A ameaça já vem de longe. Os primeiros ratos devem virando ao mundo com o primeiro homem e a primeira mulher.

O rato papavo habitou os jardins do Paraíso e foi, mais tarde, transferido, com outros animais, para a Arca de Noé. E daí invadiu o mundo inteiro.

Em 1922, depois de um longo período, em que sofisimos, de braços cruzados, todas as imprenças da raça maldita, chegou a Copenhagen uma «Associação Internacional para a destruição dos ratos». E, de encontro, tem-se enviado os maiores esforços para chamar a humanidade ao bom caminho, convidando-a a pegar em armas — ainda mesmo aquelas que são proibidas pelos regulamentos internacionais — para dar combate aos pequenos roedores que vivem familiarmente dentro das nossas casas, alimentando-se do nosso pão, roendo os nossos fatos, destruindo os nossos papéis e transmitindo-nos ainda por cima as suas doenças.

O grito de alarme acaba de ser lançado — e em bôa hora. Sábios apressados correm de todo o mundo em direção a Paris, levando cada qual no seu toucão uma formula destrutiva, uma fórmula genial que acabe, de uma vez, para sempre com a raça daninha que se instalou nos armários, nos celeiros, no sub-solo e nos arquivos das bibliotecas europeias — e mesmo daquelas que não são europeias, porque um rato não saberia distinguir a primeira edição dos *Lusitâncias* das obras poéticas de João Maria Ferreira, mais conhecido na Península Ibérica e ilhas adjacentes pelo «Vate Sevilha».

...Já se convocam os primeiros vagabundos da Conferência; gemas as antenas da Telegrafia. Sem fios com os primeiros avultos da dourada assembleia ratidada; afiam-se os lápis dos «repórteres» mais argulhos, que vão encravar colunas compactas de prosa, com o compêndio da famosa conferência. E os ratos tremem debaixo do scalco. Chegou a sua hora. A humanidade defende-se. E quando a humanidade se defende, o caso é falado.

Só agora sei que a «gripe espanhola», que matou mais de três milhões de homens — se as estatísticas falam verdade — foi propagada à humanidade pelos ratos. Nunca é tarde para adquirir uma certeza, seja ela de que natureza for. Mas confesso que me surpreende a informação, convençido como estava de que a «gripe espanhola», a que outros chamam também «halalinha», tivera a sua origem na febre aragonesa, uma doença que revolucionou os intestinos e que muitas facilmente se pode transformar em epidemia... NORBERTO LOPES

N

O «Small's Paradise», um «dancing» negro, bem negro, sem manchas de brancos, sem mulheres decotadas e desdenhosas, sem a galeria imperfidente e biblioteca do «Cotton Club». É um pôço do Harlem, um pôco da raça negra. Ao principio, apesar do Sol da electricidade, quasi não veja nada. Formas vagas e moles que se arrastam, que rogam umas pelas outras, ao ritmo suave e estridente dum batucade de azeviche e metal branco. Creados apocalípticos, distorções e encaroados, debuxos de pesadelos, que avançam para mim, em passadas ameaçadoras, temíveis.

Vozes roucas que serram a atmosfera de ebano, vozes tremulas de agonia, voz

esganidas de negligâncias precoces. Pouco a pouco, como os olhos quando se habituam à escuridão, vou compreendendo o scenario, vou distinguindo os planos. Ao centro é o campo da batalla, *ring*, *ring* do *fox* e dos *blues*. Em volta do *ring*, mesa colada a mesa, corpo colado a corpo, agrupam-se os clientes, os negros e as negras — reis, príncipes, povo — negros de todas as estaturas, de todas as boas. Comprimento se, cantam, choram e riem. Ensaiam, mesmo sentados, com a ondulação dos bustos, attitudes de «Charleston» e «Black Bottom». Em frente, é o altar daquele templo, o trono do Jazz-Band.

Sabem a sensação que eu tenho diante desse jazz? A mesma do homem que está habituado a ver a África através das plantas de estufo e que se encontra, de repente, em plena floresta tropical. O jazz negro, encarcerado num «dancing» de Paris ou de Berlim, perde a força, perde o sabor, como certo águia mineral engarrafado. Ha que vé-lo em Nova York, em pleno Harlem, ha que vé-lo na sua própria terra, com as suas próprias raizes. Vocês viram no cinema, na «Crossroads Noire», aquelas negras Sara-Djingé, «femme à plateau», com os pratos incrustados, selvaticamente, nos labios descolados e recortados, fazendo parte dos seus corpos? Pois com este jazz negro do «Small's Paradise» recebo uma impressão igual. Os saxofones, os banjos, os ukuleles, as balalaias, as cornetas, as trompas, os bombos e os serretos fazem parte do esqueleto desses negros musicais que ficam com a forma bizarra de instrumentos desconformes. E' uma florização monstruosa que lhes alonga as bocas, que lhes deformam os braços, que lhes improvisa, com o bombo, uma barriga inchada. Tem-se a impressão de que os instrumentos são inseparáveis dos seus corpos e que só uma operação cirúrgica poderá arrancá-los... E o mesmo se dá com os ritmos sincopados, esfrangalhados, com os gulinchos, com as meloidas, com as garrigadas e as suplicas, que nascem, espontaneamente, daquele pandemónio, seiva boitulante e infatigável. A musica não sal dos instrumentos, sai dos seus engares, das suas contorções, dos seus pés enluquecidos, dos seus olhos barulhentos.

Agora, o número do programa é uma «sing» blues», uma negra giganetesca, macia, «blague» dumante exagerada. Erguo os braços que nunca mais descem, antenas vitoriosas dos «blues». «Sing» com uma voz dramática, de funeral angustioso, uma toada nostálgica, ariante: «Some of these days», «Allways» ou «Ukulele Lady». E irresistível. Choram baixinho, só para nós, sem ninguém ver, choraram pela morte do quem não vimos nunca, pelo sofrimento de quem não conhecemos... Mas logo rompe a «Alquimia» luminosa e triunfal. Uma bailarina saia, desengonçada e liberta. Atira primeiro as pernas, depois os braços. Só no fim, a bola de borraças da sua cabeça inquieta. Um desafio à lógica e à posição do corpo humano. Braços e pernas mudam as suas posições constantemente. Os braços ora são pernas ora voltam a ser braços. As ancas deslocam-se, quase abandonam o corpo. Uma tempestade violenta de formas. Os olhos saltam e regressam às orbitas. A boca rasga-se mais e sanguinha o corpo todo. O que dança elas? O «fox», o «charleston», o «blues», o «black-bottom», o «binkajou»? Não se sabe. E' um «cocktail» de bailados, um manicomio de passos!

Da «Hallelujah» passa para o «Ain't she sweet», dai para o «Original Charleston» e para o

(CONTINUAÇÃO NA PÁGINA 11).

## ECOS E NOTÍCIAS

## Telefone transoceânico

UMA ligação telefónica, entre Paris e Nova-York, com a duração de três minutos, custa «apenas» mil e quinhentos francos, ou seja, pouco mais ou menos

— um conto e duzentos, em moeda portuguesa.

E' esse o preço que se paga quando se fala de ouro.

«A palavra é de ouro».

Conta-se que um inglês, de viagem a Paris, se lembrou de telefonar à sua mulher amada, para Nova-York. A dificuldade de ouvir a voz querida, fez-o falar por uns minutos, e foi falando, falando, até chegar ao hotel que o «wagon-chegue», quando apareceu Chincherin, deitado russo, que apareceu a pedir a sua conta. Una vez que esta lhe foi entregue, Chincherin atirou sobre o balde duas moedas metálicas.

«E' plácido», replicou o hotelero.

— Não — replicou Chincherin. — São os «clicks» da máquina rotativa para que façam os bilhetes de meio milhão de rublos que julgava necessários para pagar a conta.

CONTARAM os jornais que o príncipe herdeiro da Áustria já por várias vezes, tem fugido do seu palácio para ir a siésser, como simples soldado, nas legiões estrangeiras que combatem em algum recanto do mundo. Segundo as fotografias dos magazins, o príncipe negro parece andar fascinado pela Morte, quer tentando-lhe, quer o seu corpo estrelado e morto, o corpo que entristece o verão negro entre os corporos rosados americanos.

Na sua fuga, que viva na praia, deixa paix e de luto...

...Seu tio, se quiserá abrigar uma lata de sardinhas,

gostar a ganhar a vida e a adiar o casamento. E mais uma vez se prova que não é por muito madrugá (por querer utilizar-se de todos os progressos) que amanhece mais cedo (que um inglês casa mais cedo...)».

O sonho negro do príncipe negro

CONTARAM os jornais que o príncipe herdeiro da Áustria já por várias vezes, tem fugido do seu palácio para ir a siésser, como simples soldado, nas legiões estrangeiras que combatem em algum recanto do mundo. Segundo as fotografias dos magazins, o príncipe negro parece andar fascinado pela Morte, quer tentando-lhe, quer o seu corpo estrelado e morto, o corpo que entristece o verão negro entre os corporos rosados americanos.

Na sua fuga, que viva na praia, deixa paix e de luto...

...Seu tio, se quiserá abrigar uma lata de sardinhas,

## Si non è vero...

CONTA-SE que, ao terminar a Conferência de Génova, os representantes das nações que nela tomaram parte, pediram a conta do hotel. O inglês pagou a sua conta com duas moedas de cheque. O representante de Alemanha, entretanto, em grande descontento com o preço de côte, cheio de teios. O proprietário do hotel perguntou o que era, e o alemão respondeu:

— «E' um redor de caminho de ferro, carregado de notas do Reichstag».

Dedicava o dono do hotel que o «wagon-chegue», quando apareceu Chincherin, deitado russo, que apareceu a pedir a sua conta.

Una vez que esta lhe foi entregue, Chincherin atirou sobre o balde duas moedas metálicas.

«E' plácido», replicou o hotelero.

— Não — replicou Chincherin. — São os «clicks» da máquina rotativa para que façam os bilhetes de meio milhão de rublos que julgava necessários para pagar a conta.

## Biografias romantizadas

SABEMOS que está em embrião um projecto capaz de interessar ao mais alto grau todo o público leitor e amigo de se instituir. O britânico jornalista e mosso colaborador, Antônio Ferro pensa em organizar uma série de biografias romantizadas dos maiores vultos da história e da literatura portuguesas.

As serão ilustradas pelos escritores de mais grandeval

vel letitio. «Trata-se de um projeto, mas fa-

remos os maiores vultos para que, em breve, arja uma realidade. As biografias romantizadas alcançaram em França, um grande

éxito. Tudo indica que, entre nós, caiam no gosto do

cerito público, muito numeroso, que prefere a leitura

simultaneamente recreativa e instrutiva.

LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1928

## a semana sentimental

por NORBERTO DE ARAUJO

S tipos que se farsam da vida...

O Nada! Nada! Não sofrem de mal de amor, nem de falta de dinheiro, Nada! Nada. Simplesmente fariam de viver.

Um homem, de chapéu de côte — é um tracô — chega ali ao Tejo, e desaponta-se. Foi sair por uns marimbis, recolher, em trânsito alívio, à Cruz Vermelha. E quando o interrogavam sobre as razões do desespero, explicou: «nunca nenhum desespero. Nada.»

E adentrou que tinha de sair para viver bem, não tinha relações, nem é clérigo — família ou propriedades estupidas de sentimentalismo. Era tranquilo. Mas, sobre todo, se da felicidade, da tranquilidade, da quantificação de sorte que na sua vida simples o tornava simplesmente — um a mais na vida... Responderam-lhe que não havia razão para suicídio. «Pois sim. Mas se houvesse alguma razão, eu iria em meu tauritudo matar. Sim. Sempre tinha uma razão para viver, isto assim é uma massada.» Compos o chapéu de côte e saiu.

Sim, se ele podia sair de um espectáculo quando estava aborrecido, porque não poderia saber da existência, pela porta do inicílio, se ele, afinal, já tinha a certeza de que o espectáculo tem de acabar mais tarde ou mais cedo?

Um outro homem foi da sua juventude, julgado nos pequenos delitos. Porque? Por se atrair para debaixo de um eletrico. Explicou que chegou a Lisboa, não sabia em que gastar o dinheiro, a capital não tinha interesse, e os jantares não usavam nada que ler. A princípio foi todo como mafuso, mas breve fez prova de que era um homem de juizo. Provada a inocência, foi condenado em 80 escudos por homicídio frustrado.

Sabiu dari um ponço surprese e, naturalmente, encontrou-te, talvez, com o homem do chapéu de côte.

— Ora está! Já a gente não se pode divertir no outro mundo. Tem de estar misto só ao fumo.

O que se deliou no Tejo:

— Alinda tu é fela, porque pagaste 800 escudos e fêste em que te preocupar. Mas eu! Diz-me tu que hei-de fazer ao estupor da vida.

Um polícia sinistro indiou-lhes que o caminho era para a prisão.

— Eu nego isto tudo, tu tens gente por ali que não se suicida — por não ter consigo!

Quando duas pessoas entram num combelo, o «tabém que tem de fixar a vela em juntas por largas horas — e assim sempre que se interrogam, que se enlouquecem, e às vezes... ficam amigos, que é uma coisa que só vai acontecendo em caminhos de ferro. E quando se tem de fazer a viagem — toda a vida, só sempre?

Mais cemitério vi chegar o calxão de uma rapariga. Desceu, desfarrar botas, desfarrar terra, fechou. Ponho deitado entre outras calxões. Outra rapariga. Deitou-se ao lado, compõe-as nas flores, agrieta no coval, e fechou.

A' noite estas duas raparigas não conversava? Não se interrogava: «que fizeste? como amaste? como soufreste? E' olha lá: ficou sanguine a chorar por ti?».

Sabe-se lá em que conversam os mortos. Devem ter muita memória, porque da memoria dei sempre pouca fika. Duas raparigas novas um ao lado da outra...

A falar dos seus amores, das suas ilusões...

Chega para lá um bonito chinchedo a cabeça Está calor: Mas olha como temo as mãos frias. E enverberado asten, enquanto ei em cima, ao sol, as flores, agarra na primavera, se vestem de lindas novas. E' chegarão um dia a esta finalidade: a morte — o único amor que não nos falha nunca.

NORBERTO DE ARAUJO



— Entra esta manhã era o seu marido que estava deitado e agia quem tem febre é você?

— Mas o seu marido não disse para eu tomar a temperatura a meu marido? («Pôr-Mel»)



— Só agora, que vivo na praia, deixa paix e de luto...

...Seu tio, se quiserá abrigar uma lata de sardinhas,

# a hora suprema

SETIMO  
CEU

Armando trabalha nos subterrâneos mas vive perto das estrelas, num sótão, junto da Basílica que domina Paris, na colina de Montmartre.

Jovem e inquietante, Armando, que se gosta de ser um «tipo extraordinário», nega a existência de Deus e não acredita no amor.

Mai certo dia, cedendo à bondade do seu íntimo, salva uma pobre rapariga dum mau destino. Para evitá-la Diana—é o seu nome—seja apinhada numa ruiva, declara á polícia: «é minha mulher!» Mas Armando, funcionário municipal, está arriscado a perder o emprego porque mentiu: a declaração é falsa. Que fazer? Apenas isto: Diana viverá com ele até que a polícia tenha feito o seu inquérito. Depois, irá para onde lhe apetecer, tanto mais, diz, que não quer uma mulher em sua casa.

Diana que não consegue as alegrias dum lar, sente-se feliz junto de Armando.



Super-produção da "Fox-Film"

Argumento de

BENJAMIN GLAZAR

Realização de

FRANK BORZAGE

com

JANET GAYNOR  
(DIANA)

e

CHARLES FARRELL  
(ARMANDO)

Eis o armistício. Paris canta. Parece que chegou a felicidade para toda a gente, excepto para Diana. Anunciam-lhe uma degradação, Armando ficou para sempre!...

Mais às treze horas, dâ-se o milagre, Armando, que todos indigam morto, aparece...

Ferido nos olhos, cego, espera curar-se depressa junto de Diana—a luz dos seus olhos

«A HORA SUPREMA», é o romance de díaz entes que, pelo espírito de sacrifício e de bondade, atingem a mais alta esfera do ideal, impondo-se extraordinariamente, pela criação da figura de Saxe que se chama Janet Gaynor. Ele-



BREVEMENTE NO  
S. LUIZ CINE

do que a respeita e que a protege, isto apesar do rapaz dizer que não sente por ela a menor ternura... .

Após a visita dum agente de investigação, Diana, lacrimosa e infeliz, vai-se embora. Armando emociona-se. O coração faz-lhe compreender a verdade... . Goste dela! E vai buscar a creatarimba, simples e fragil, que o ama e que vem chorar aos seus pés. Vivem

felizes, pensam no casamento mas... a guerra rebenta e Armando tem que cumprir o seu dever.

O romance destes dois entes, durante a tormenta, é patético: Ele conduz-se como um herói; ela mantém-se fidelíssima.

Todas as manhãs, às onze horas, conforme a promessa que fizemos, pensam um no outro: falham-se...

vinda duma maneira fenomenal, à altura da grande «vedette» mundiana do «écran», Janet Gaynor é a ultima e a mais célebre revelação de Los Angeles. Hoje, na Europa, fala-nos apenas na jovem e linda berlina do «Fox-Film» que pelo talento e pela intensidade, conseguiu, rapidamente, brilhar em todas as capitais, adquirindo um numero incalculável de admiradores. Lisboa vai conhecê-la.



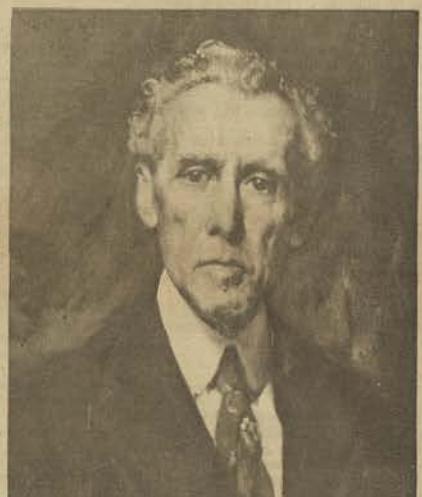
## OS ADMIRAVEIS RETRATOS DO PINTOR ANTONIO SOARES

Assim como de dedicação em dedicação se chega ao conceito final de um raciocínio, também Antonio Soares, de face em face, atingiu, com a sua nova expressão de arte, uma metá decisiva e brilhante. Molido, dia a dia, a suas extraordinárias qualidades de pintor, conseguiu, alheio sempre às opiniões equivocas, ir trilhando o terreno das suas faculdades—de visão e expressão—caminho de um fim.

Através do expressionismo da obra de Antonio Soares podem vislucar-se, aparentemente diferentes, 5 faces plenas, de múltiplas nuances, equilibradas na concordia que os liga.



## EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



PASTEL, por MÁLHADA  
(Círculo Leitão da Almampéa)

NO., por FERNANDO SANTOS  
(Clube Serra Ribeira)

RETRATO, por CARLOS REIS  
(Círculo Leitão da Almampéa)

RETRATO, por MARIO AUGUSTO  
RETRATO, por ORTIGÃO BURNAY  
(Círculo Leitão da Almampéa)

PASTEL, por DULCE ALVES DE SOUSA  
(Círculo Serra Ribeira)

Desde os vros decablos sinteticos aos retratos que hoje expõe nas Belas Artes, Antonio Soares, colorista por temperamento, foi, pelo estudo constante, dominando o desenho. Assim, nessas fases, o que muita gente julgava ser destrambello era, somente, etapa consciente no plano que o Artista a si mesmo impuzera. Hoje todos podem verificar, através dos seus trabalhos—desenhos, pastéis, dois painéis da Bra-

sileira da Chácara, um dos quais já é uma afirmação vigorosa de pintura, assim como o retrato do Dr. Mota Cabral, exposto há uns dias ("Salão de Outono")—que, Antonio Soares, conseguiu, de uma maneira absolutamente nítida, o domínio da visão, pois, sem ceder um passo nos seu processos apresenta agora alguns notáveis retratos—quatro dos quais reproduzimos—admiráveis trabalhos que arrancaram os aplausos de gregos e troianos.

F. G.

O ESCULTOR ANTONIO DA COSTA — A BAILARINA LEA NIAKO — O POETA ANTONIO BOTTO — O ESCRITOR JOÃO DE SOUSA FONSECA — (CLICHÉS MARIO NOVAIS)

No jardim da casa de PANTALONE DE VENZA. Jardim do século XVIII pintado por um mestre futurista: árvores azuis; estatuetas; alamedas deslizadas, como as das velhas tapeçarias. No primeiro plano, um grande banco de pedra e uma cerejeira carregada de cerejas. O velho PANTALONE apresenta a Arlecchino e a Scaramuccia o filho, PIERROT, um PIERROT de dezassés anos, ingênuo e branco, que canta galopamente cerejas. ARLECHINO, alegre, envolto na sua capa multicolor, traz na mão a guitarra. SCARAMUCCIA—SCARAMUCIA clássico de Domenico Biancolli—veste de negro e arrasta uma espada enorme. Tardie luminosa de verão. Se abrem rojas e revestem borboletas ao sol, fica completo o quadro.

PANTALONE—Aqui teem o meu filho Pierrot.  
ARLECHINO—Pierrot?

SCARAMUCCIA—Bonito rapaz!

PANTALONE e PIERROT—O conde Arlecchino. O marquez Scaramuccia.—Agora, deixa as cerejas e dê atenção a estes senhores.

PIERROT, oferecendo cerejas—Querem? Eu vou apontar mais árvore.

PANTALONE—Estes senhores não comem cerejas.

SCARAMUCCIA—A não ser na boca d'uma mulher bonita, Pierrot.

PANTALONE—Pierrot tem dezassés anos e foi educado longe das mulheres.

ARLECHINO—Até agora, não lhe devem ter feito falta.

SCARAMUCCIA—Uma mulher faz sempre falta. O meu primeiro desejo, quando nasci, foi encostar a cabeça sobre um peito de mulher.

PANTALONE—Eduquei-lo do sexo fraco, como i comédias do meu amigo Marivaux, para o poder casar agora a meu gosto.—Sabe que eu penso em casar Pierrot?

ARLECHINO—É uma ideia galante.

SCARAMUCCIA—É uma agradável fatalidade. E com quem?

PANTALONE, quando Pierrot se afasta para colher as cerejas—Apresento lhe hoje uma prima que ele nunca viu. Tenho o maior empenho em que Pierrot se apaixone por ela.

ARLECHINO—Isso é fach.

PANTALONE—E em que não se apaixone por nenhum outra mulher.

SCARAMUCCIA—Isso é mais difícil.

PANTALONE—Sra, como ele nunca viu mulher nenhuma e não faz ideia do que é o amor, eu queria que tu, Arlecchino, e tu, Scaramuccia, lhe desssem uma lição.

ARLECHINO—Uma lição de amor?

PANTALONE—E de galanteria. Que o ensinasse a beijar, a seduzir, a conquistar uma mulher.

ARLECHINO—Não é preciso.

PANTALONE—Porque?

SCARAMUCCIA—A prima de Pierrot é nova? PANTALONE—Viu florir quinze vezes a primavera.

ARLECHINO—E é bonita?

PANTALONE—Como um anjo.

SCARAMUCCIA—Então, está descansado. A prima ensina isto tudo.

PANTALONE—Ela também não sabe. Colombina, até hoje, não viu nenhum homem.

SCARAMUCCIA—Não faz mal. E' a melhor mestra, mesmo sem saber.

ARLECHINO—Vê aquelas borboletas azuis? Belas, e ninguém as ensinou.

SCARAMUCCIA—Vê aquelas rosas? São belas, e nunca o souberam. Tudo o que nasce sobre a terra, já nasce sabendo amar.

PANTALONE—Pois eu, meus amigos, levam muito tempo a aprender.

ARLECHINO—Porque tu já nasceste velho. Quando se nasce velho, é difícil.

PANTALONE—E' sempre uma arte delicada, tento para mim que a arte de amar é como arte de dançar. Todos dançam; mas é raro aquele que dança bem. Por isso os mandel chamar a minha casa, amigo Arlecchino e amigo Scaramuccia, para lhes pedir que ensinem a meu filho a arte em que são mestres. Quero que ele ame a compasso, com todos os sortidos e todas as reverências do estilo.

ARLECHINO—Eu acho que o amor se parece mais com a música. Quando a minha guitarra geme—do-mi-la-sol-mi-re-do—ouve-se logo o sussurro d'um beijo entre o arvoredo.

SCARAMUCCIA—Parece-se, sobretudo, com a esgrima. Nunca a minha espada cai a fundo, que não traga, espetado na ponta, um coração de mulher.

PANTALONE—E' isso, precisamente, que eu quer. Que Pierrot caia a fundo, e que consiga trazer na palma d'um pequeno coração de Colombina. Pode haver também, Arlecchino, acompanhamento musical, e não faz mal que se ouça, de vez em quando, o sussurro d'um beijo.



## Amerenda de cerejas

POR JULIO DANTAS

ARLECHINO—Pois bem. Visto que tu insistes, Pantalone, ensinaremos a teu filho a teoria do amor.

SCARAMUCCIA—A prática, porém, só pode ser lhe ensinada por Colombina.

PANTALONE—Está combinado. De quanto tempo precisam para a lição?

SCARAMUCCIA—Para falar de Aretino, dez minutos.

ARLECHINO—Para falar de Platão, um quarto de hora.

SCARAMUCCIA, em segredo, a PANTALONE—Mas ouça que vale mais um só olhar de Colombina, do que todas as mentiras que Arlecchino lhe dirá.

ARLECHINO, em segredo, a PANTALONE—Mais vale um sorriso de Colombina, do que todas as mentiras que lhe dirá Scaramuccia.

PANTALONE, chamando, sem o zêz—Pierrot! Onde estás tu?

PIERROT, empoleirado na árvore, metendo a cabeça entre os ramos—Estou aqui.

PANTALONE—Basta de cerejas! Desce da árvore, Arlecchino e Scaramuccia querem falar-te. (Aos dois) D'aquei a meia hora, mando-lhes Colombina.

SCARAMUCCIA—N'uma revoda de pombas?

ARLECHINO—Ou n'um acâfate de flores?

PANTALONE, saindo—Num raio de sol, para Pierrot a ver bém.

PIERROT, descendo da árvore e dando uma mão-cheia de cerejas a cada um—Toma, Scaramuccia.—Toma, Arlecchino.

ARLECHINO—Porque gostas tu de cerejas, Pierrot?

PIERROT—Porque são vermelhas, e porque são doces.

SCARAMUCCIA—Se tu soubesses como são vermelhos e doces os lábios d'uma mulher!

PIERROT—Nunca comi.

ARLECHINO—Perturbam como um perfume capituoso e embriagam como o vinho das vinhas doadoras de Chypre.

PIERROT—Nunca bebi. Eu só gosto de cerejas.

SCARAMUCCIA—Senta-te aqui, entre nós dois.

ARLECHINO, depondo-se a assentarem, os trés, no banco de pedra—Teu pai disse-nos que tu nunca fizeste visto uma mulher. E' verdade, Pierrot?

PIERROT—O que é uma mulher?

SCARAMUCCIA—Uma mulher... Eu te digo. U na mulher, é...

ARLECHINO—Toda a gente sabe o que é,

SCARAMUCCIA—Nesse caso, diz lá tu, Arlecchino, o que é uma mulher.

ARLECHINO—Uma mulher... Talvez seja mais fácil por música. (Dedilhando na guitarra)

La sol mi fa-me dô...

SCARAMUCCIA—Como vês, Pierrot, não ha

nada mais claro.

PIERROT—Não percebo. A mulher é algum fruto?

SCARAMUCCIA—Exatamente. E' o fruto profundo.

ARLECHINO—Cada um a vê a seu modo.

Para mim, é uma flor.

SCARAMUCCIA—Para mim, uma peça de caça.

ARLECHINO—Para o patriarca de Veneza, é a tentação.

SCARAMUCCIA—Para Ticiano, a beleza.

ARLECHINO—Para Platão, a divindade.

SCARAMUCCIA—E a vida, para os moços.

ARLECHINO—Para os velhos, a morte.

SCARAMUCCIA—Quando a vés nos, atrai como um abismo.

ARLECHINO—Abrasa como um vulcão.

SCARAMUCCIA—Entontece, como os perfumes de África.

ARLECHINO—Deslumbrá como a cauda d'um pôvolo ao sol.

SCARAMUCCIA—E' o que ha na vida de mehor.

ARLECHINO—E, afinal, é o que ha de pior na vida.

PIERROT, olhando-os, espantado—Não percebo nada.

SCARAMUCCIA—Pois é isso mesmo. Ninguém parcerá a mulher.

ARLECHINO—E' um ente igual ao homem, mas completamente diferente do homem.

SCARAMUCCIA—E' um ser como nós, mas exatamente ao contrário. —Entendes agora, Pierrot?

PIERROT—Anda de cabeça para baixo?

SCARAMUCCIA—Não. Anda de cabeça para cima, porque tem a cabeça muito leve. E, como ninguém a percebe, todos a adoram. Admira que nunca tivessem visto nenhuma mulher passeando na névoa doída d'este parque.

PIERROT—Não me lembro.

SCARAMUCCIA—Ora recorda-te lá. Nunca encontraste por ali uns

pequenos animais cor-de-rosa, com os cabelos pintados de loiro veneziano, uma saia tão curta que se lhes vê o selo, e um decote tão grande que se lhes vêem as pernas?

PIERROT—Ah! Isso é que é uma mulher? —Então, já sei o que é.

ARLECHINO—Viste alguma?

PIERROT—Vi uma, de longe, tomando banho no lago do jardim. Mas o meu pai não sabe.

SCARAMUCCIA—Tomando banho?

ARLECHINO—Tu viste uma mulher tomando banho? E' um Pierrot feliz!

PIERROT—Elas são tão bonitas ao pé como ao longe?

ARLECHINO—Muito mais ao pé do que ao longe. A mulher é uma deliciosa calamidade. Foi feita para estar perfeita para nós, ao alcance das nossas mãos e dos nossos lábios. De que serve uma rosira, ao longe, se não perfume?

SCARAMUCCIA—É uma taça de ouro, transbordante de tesouro, se não embriaga? Dentro de metade hora, Pierrot, tens o pé de ti uma mulher.

PIERROT—Vem tomar banho?

ARLECHINO—Não digo tanto. Mas virá a ondular, como um pequeno cyane branco, até que lhe estendas a mão.

PIERROT—Dá-m'a?

SCARAMUCCIA, levantando-se, seguido de PIERROT—Tu viste uma mulher?

PIERROT—E como se conquista uma mulher?

SCARAMUCCIA—Nada mais simples.

ARLECHINO, levantando-se, seguido de PIERROT—Nada mais complicado.

PIERROT—Como é?

ARLECHINO—Para conquistar uma mulher, é preciso atraí-la, pouco a pouco, endolcê-la, perseguir-lhe a como uma sombra, tecer em volta a teia dobrada da sedução, dizer-lhe madrigais ao ouvido, causar-lhe canções à viola, entoar-lhe canções fúrias, suplicas, perturbá-la com tantas meninhas, que ela acaba por sucumbir a elas, palpitar, nos braços.

PIERROT—Não percebo.

SCARAMUCCIA—Deixa falar, Pierrot. Uma mulher conquista-se tão facilmente como se colhe uma rosa, assim, como se se apinha uma borboleta. (Caça a borboleta e colhe-a flor)

A mulher existe, como as bobinetas para ser apinhadas, e como as rosas para ser colhidas.

ARLECHINO—Sobre essa matéria divergem os autores, tu li, ainda hontem, os diálogos de Platão.

SCARAMUCCIA—E eu li, hoje ainda, as memórias de Casanova.

ARLECHINO—Conquistar uma mulher, tem de ser uma obra de paciência e de voluptuosidade.

SCARAMUCCIA—Conquistar uma mulher, tem de ser uma obra de força e de audácia.

ARLECHINO—Eu afirmo, e defendo, que o amor é o extase.

SCARAMUCCIA—E eu afirmo, e defendo, que o amor é um assalto.

ARLECHINO—O maior encanto da mulher, Pierrot, está na dificuldade que nós temos em a possuir.

SCARAMUCCIA—Não acredites, Pierrot. No amor, como nas batalhas, o que é preciso é vencer depressa.

ARLECHINO—Eu quero o beijo tão alto, que, para o coñear, seja preciso subir por uma escada de oito.

SCARAMUCCIA—Eu quero o beijo, apenas, à altura da minha bôca.

ARLECHINO—Para mim, no amor, ha uma só realidade, que é o sonho.

SCARAMUCCIA—No amor, para mim, ha uma só vólpia, que é a posse.

ARLECHINO—Conde de Scaramuccia, tu tiras tua de beleza á vida!

SCARAMUCCIA—Marquez de Arlecchino, eu n'ão sei viver devagar!

PIERROT, no meio dos dois, perplexo, comendo cerejas—Mas, afinal, o que quer dizer isso tudo?

ARLECHINO—Pois tu não comprehendeste ainda, Pierrot?

PIERROT—Eu n'ão. Tu dizes uma coisa, Scaramuccia diz outra, eu oço os aos dois e não entendo nada.

SCARAMUCCIA—Não comprehendemos que nós falamos do amor?

PIERROT—O que é o amor?

ARLECHINO—Cada um de nós, Scaramuccia e eu, pode ter a sua filosofia; mas, no fundo, estamos ambos de acordo. O amor, Pierrot, o amor é a ternura e a graça, a elegância e a fantasia, o mormirlo e o extase, um madrigal e uma noite de luar, um beijo e uma varanda de

(CONTINUA NA PÁGINA 7)

# A MERENDA DE CEREJAS

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

rosas,—e, se eu fosse imodesto, diria que o amor é, sobretudo, a guitarra de Arlechino e a sua capa mágica! Tomé bem sentido, Um anel de identidade, uma sede de infinito, uma chama viva, um mistério sagrado, a «loucura imortal» de que fala Petrarca, o «olávo céu» de que fala Castiglione, beijo de duas almas, comunhão de duas bolas, sopro de Deus que torna gloriosos todos os homens e divinas mãos as mulheres.—Aqui tens, Pierrot, o que é o amor.

SCARAMUCCIA.—Contesto. As mulheres feias não são divinas.

ARLECHINO.—Porque as mulheres feias não são mulheres.

SCARAMUCCIA.—Eu nego que o amor seja uma loucura imortal. O amor não é imortal. O amor morre de tudo, morre a toda a hora, morre de cada beijo, morre saciada de si mesma, morre envenenada da sua própria voluptade, e eu desafio d'aquei Petrarca, e todos os neoplatónicos de Florença, a que me provem que o amor é a pura essência da divindade e da imortalidade.—Não acredites, Pierrot. O amor é eterno, é impuro, é humano, traz consigo o germen da destruição e da morte, e é por isso que ele é voluptuoso e belo. Só forte no amor, Pierrot. Destro.

ARLECHINO.—Sé brillante. Seduz.

SCARAMUCCIA.—Sé cruel. Maltreta.

ARLECHINO.—Sé gentil. Sorri.

SCARAMUCCIA.—Confia na tua espada, e serás o mais amado dos homens.

ARLECHINO.—Confia na tua eloquência, e todas as mulheres correrão atrás de ti.

SCARAMUCCIA.—Contesto! Para que serve fazer discursos a uma rosa? O que é preciso é colher-las.

(PIERROT encalha os bómbaras e deixa-as, sem que elas decam pelo seu afastamento).

ARLECHINO.—Nego! Não ha como o veneno da palavra para perfumar uma mulher.

Duas ou três mentiras, duas ou três louras murmuradas ao cunhido, e ela succumbe e desfalece.

SCARAMUCCIA.—Contesto ainda! A eloquência do amor é o silêncio. O amor é mudo. O beijo é silencioso.

ARLECHINO.—Nego! O beijo canta, canta, zumbi como um enxame de vésperas doadoras. O beijo é a música do amor. Percorre do norte, em Veneza, os jardins da Zucca e de S. Biaggio, e tu verás como o beijo, a cada canção dos arvores, lembra uma melodia de harpa tocada, pianissimo, so luar. Ao som do beijo, as mulheres, como pombas, veem correndo para nós. Mocidade, mocidade! Do que tu precisas, antes de tudo, é de aprender a beijar!

SCARAMUCCIA.—Concedo. Aspirar na flor é principiar a colher-la. Beijar é começar a desfrutar.

ARLECHINO.—Beijar é começar a viver! Eu vou encalhar-te, Pierrot, a arte de beijar uma mulher bonita... (Volvendo-se, e não o vendo) Onde está ele?

SCARAMUCCIA.—Fugiu!

PANTALONE, aparecendo, de súbito, junto d'elles. —Não se incomodem, meus amigos.

SCARAMUCCIA.—Iamos entrar na parte mais bela da lição.

ARLECHINO.—Ia explicar-lhe como se beija uma mulher.

PANTALONE.—Já não é preciso. Muito obrigado.

SCARAMUCCIA.—Mas onde está Pierrot?

PANTALONE.—Em quanto os meus amigos discutiam, um com o outro, a complicada filosofia do amor, lá ele ali estava, ao pé do lagar, os beijos à prima.

(Ao fundo, com efeito, na névora luminosa de jardim, PIERROT enlaça uma graciosa COLOMBINA de quinze anos, roizada e loira como uma miniatura de Rosalba, ou de Piero Longhi, beijando-a amorosamente na boca).

ARLECHINO, tirando o chapéu.—Colombina! Oh!

SCARAMUCCIA.—E está a beijá-la com arte, o pequeno!

PANTALONE.—Tinhás razão, Arlechino. Tinhas razão, Scaramuccia. Não ha como uma mulher para nos ensinar a amar. E quanto mais inocente—vejam!—melhor mestra é. (Ouve-se música, em longe) Vamos, meus amigos. A música gema. As magnólias em flor embalsamam o ar. Não perturbemos a mocidade que ama!

ARLECHINO, saindo, a dedilhar a guitarra e a alhar PIERROT.—São os primeiros labios que ele beijará.

SCARAMUCCIA, saindo também, nos bicos dos pés, com PANTALONE.—São as melhores certezas que ele tem comido!

# Não sei se Sabem... por V. Chagas Roquette

## Épocas préhistóricas

**E**m pleno Chiado, a dois passos do Gremio e do Tauromáquico, desenhou-se, há dias... uma sepultura neolítica, ou seja da época da pedra polida. O caso, que, á primeira vista, parece extraordinário, vem ex-plicar factos de que eu já de muito suspeitava. Porque razão nos havemos de admirar da existência de documentos da época da pedra polida a meio metro de profundidade quando, meio metro acima do solo a capital, no que respeita a civilização, usos e costumes, está ainda em plena época da pedra lascada?



## Exploração teatral

O Governo resolveu convidar, por meio de um decreto, os proprietários das casas de espetáculos, a declarar se optam pelo teatro ou pelo cinema. Independentemente de outras razões, não deve ser estranho ao caso a chamada crise do teatro português. Ignorando o Teatro de S. Carlos, que é teatro do Estado, optaria pelo cinema ou se preferir ficar fechado, como fechado está S. Bento. E contudo S. Carlos não tem quem praticamente o explore, ao passo que S. Bento, especialmente nos últimos anos, farto-se de explorar o proximo... como a nós mesmos. S. Carlos não abre porque é quasi impossível, hoje, arranjar receita para pagar a uma boa companhia de opéra, mas S. Bento poderia ser explorado com uma despesa relativamente reduzida porque não faltam quem queria ir lá representar de graça, e só quem esteja disposto a pagar para representar a Nação.

Em S. Carlos cantava-se, em S. Bento a companhia era de declamação. E que grandes artistas por lá passaram, especialmente nas últimas temporadas! Eu, que já sou velho, lembro-me ainda do tempo da monarquia, quando a época teatral era sempre inaugurada com o chamado discurso da coroa. D'antes ainda havia o discur-

so da coroa, mas a maior parte dos discursos que, hoje, para aí se fazem, já não são discursos da coroa porque... nem meta coroa valem. S. Bento teve épocas felizes, depois, devido aos maus elencos e aos programas mal organizados, faliu. Não admira: como casa de espectáculos, não tinha defesa, porque os lugares das galerias eram de boria, os fauteuils eram pagos razão de dois contos por vez... para quem neles se sentava; o público pagante, o público contribuinte, não passava do hall dos passos perdidos, assim chamado porque quando se lá ia reclamar qualquer coisa de interesse colectivo já se sabia... que eram passos perdidos.

Na abertura da temporada perdeu-se imenso tempo com a nomeação de comissões e outros ensaios de auros. Depois vinha a monotonia das peças representadas. Mais para a direita ou mais para a esquerda, o emredo era sempre o mesmo. Havia sempre o inevitável prologue que terminava por inválivel título o programa do Governo. Feltro o silêncio, pelos espectadores adormecidos, aparecia um cavaleiro, geralmente com pés rala, que lia o pro-

logo onde se falava do momento, das estrelas, do deficit e da irragiação do Alentejo. Todos os programas meiam-irragiação. Duas semanas depois, a peça cabia e sucedia se outra com um prologo plagiar do prologo da peça cabida. S. Bento, fechou, não podia deixar de fechar, porque os elencos eram maus e as peças, embora livres a pretenção de explorar o gênero fantasia, redondavam em magacão. S. Carlos também fechou e os outros teatros, no dizer de pessoas muito entendidas, estão em plena crise.

Em Portugal tem-se tentado demonstrar esse axioma: o público quando se aborrece no teatro... não vai ao teatro. Não porque lhe falta conforto e aléi comodidades superficiais, como, por exemplo, a chafariz central obtida por um processo altão simples e económico que consiste em não haver calafrios, produzindo-se o aquecimento, pelo contacto directo dos espectadores que se aquecem uns aos outros. É isto é tanto mais fácil de conseguir quanto é certo que os referidos espectadores, dispondo de um espaço limitadíssimo, se sentam no colo uns dos outros.

## V. CHAGAS ROQUETTE

## PELO TEATRO PORTUGUÊS!

# Um grande concurso de peças num acto

3 primeiros premios constituídos pela representação, ainda nesta época, dos três originais escolhidos, e por valiosas coleções de teatro português

O Notícias Ilustrado, organiza um concurso de teatro, abrindo assim as portas das três companhias de declamação, de Lisboa, aquelas novas de talento que nos queriam enviar as suas produções.

Neste momento em que, merece das correntes mundiais de produção editorial cinematográfica, o teatro declarado,— tão sublime expressão de arte—se encontra em todo o mundo num instante de injusta indecisão, alimentar-lhe o entusiasmo, prestigiá-lo a sua função social e criar-lhe vida e adeptos, é uma reação preclusa. Aquelas que saibam e sintam algum episódio tristolível—que no-lo enviem!

Tetão o prazer de vê-lo representado ainda esta época, por umas das três companhias de declamação que daí a meia e meio trabalho em Lisboa e que são: Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, do Nacional, Companhia Rey Colaco Robles Monteiro, do Trindade, e Companhia Palma Bastos-Alexandre de Azevedo, do Gimnasio.

CONDICIONES DO CONCURSO

1º—O concurso é extensivo a todos os portugueses.

2º—As peças devem ser entregues ou enviadas para a redacção do «Diário de Notícias» (secção regionalista) até 30 de Abril corrente, datilografadas ou escrividas em caligrafia muito leve, tendo no exterior uma divisa e vindo acompanhadas com um envelope fechado com identificação.

LER NA PÁGINA 10

# 0 Grande Concurso

JULIO DANTAS

(Reservados os direitos de reprodução e representação)

# SPORT

O III Portugal-Itália, jogado no ultimo domingo no Porto, deve ser considerado como o primeiro passo dado por Portugal para a realização da sua participação internacional na especialidade. A vitória de 4-3 foi demasiado nitida pelo marcador e pela forma como foi adquirida. Os nossos representantes ganharam logando resultados experimentado e excecionalmente preparado e jogaram tão bem, impulsionados de tal forma a sua técnica que os Italianos, aliás bons e perfeitos jogadores, viram como único recurso de luta a violência e empregaram-na. Nem assim.

No entanto o futebol tem progredido muito e alcançará finalmente um ponto de topo no foot-ball internacional. Os próprios Italianos o reconhecem e nós o registramos com o natural orgulho de quem assiste ao progresso e evolução do nosso foot-ball com a fé de que é viável a equilibrar-se dignamente na cotação mundial do popular esporte.

Amsterdam principia agora a não nos inquietar...

Já dissimilei, numa das crónicas anteriores, que a vela vai ter este ano uma enorme expansão. Outro tanto dizendo quanto a relação ao ciclismo, desporto que no ano passado foi já considerado por muitos o desenvolvimento enorme.

Na abertura, a tua proposta trouxe-nos a ideia de que para ano, como se tem utilizado com a emmergente elogiada é da feira feita útil e produtora de atração e interesse.

O progresso do ciclismo em 1917 foi também ajudado e diante feito útil e produtora de atração e interesse.

«Velho de Portugal», algumas casas gastaram dezenas de contos com o alocamento de máquinas e com outras despesas entre as quais a sua utilização de carros de apoio que acompanham em todo o percurso os concorrentes montados nas suas marcas.

Houve mesmo quem fosse um pouco mais além, estabelecendo prémios de elevado valor para as provas mais importantes do calendário unificado. Foi o antigo corredor ciclista Armando Crespo, quem tendo passado da cultura e do comércio ao esporte, conservava, pelo ciclismo o mesmo entusiasmo e o mesmo entusiasmo de mérito e de corredor, dotando com prémios de milhares de escudos as grandes provas nacionais.

Armando Crespo mantém, este ano, as mesmas orientações. Já no domingo passado, na prova clássica dos 59 quilómetros, com que a União Velocipedista Portuguesa abriu a época oficial, foi iniciado o seu sistema de incitação.

Essa prova foi disputada no percurso Lisboa-Ramalhal-Lisboa, João Pedroso, Raimo Malha, Quirino de Oliveira, Edmundo Santos e Francisco Santos Almeida foram os primeiros classificados. Os cinco foram figuras de evidência na vela de Portugal.

De 32 ciclistas que pariram, 22 concluíram a prova na tempo regulamentar.

O rosso ciclismo de estrada — que outro não temos — continua afirmando qualidades superiores que justificam a sua preferência ir a Amsterdam.

Os dirigentes da União, devem insistir junto do Comité Olímpico — organização. Seria o ciclismo uma modalidade desportiva em que Portugal se tornaria notada nos Jogos Olímpicos Internacionais.

Há poucos dias realizou-se na Bélgica, em Bruxelas, o quinto encontro anual de foot-ball entre os onze femininos das Franças e da Bélgica, que realizaram, segundo as crónicas jornalísticas, um jogo inteligente e bem conduzido, obtevendo a vitoriosa fraude, os dinamarqueses um perfeito adestramento e ganhando 4-2.

Outros encarnados internacionais pôdem em confronto, há anos, as aptidões das desportistas francesas, inglesas, belgas, alemanas, americanas, tchecas e outras países.

A força desportiva feminina é tão grande que se pode constituir uma federação internacional, elevar com regularidade uma olimpíada e chegar este ano a incluir nos Jogos Olímpicos de Amsterdam, o que representa um grande desafio do Comité Olímpico e reconhecendo que o gênero é de elevado grau de perfeição.

A maior portuguesa ainda se acha pouco e com este retâmeno aos desportos e férias seja um dos mais fortes motivos a sua ainda invencível antipatia pelo esplendorismo desportivo dos campos, dos «céus», dos «céus».

Se acelerarmos neste modo de explicar o facto, um desporto, ou antes um explodido exercício de cultura, pode perder ser indicado: a ginástica rítmica.

Muito é dito sobre a ginástica rítmica, essa modalidade acaba de ser introduzida em Lisboa. Não se procura com a ginástica rítmica a perfeição da beleza, mas liberdade e afeição das formas do muscular.

A festa de Luís Monteiro, realizada no Coliseu, veio revelar ao público a existência d'esse encantador e muito feminino exercício. Mrs. Bellon, professora que trouxe a ginástica rítmica e não a ginástica rítmica, tal qual era praticada nos grandes centros, teve o éxito que foi uma aprovação unanimidade.

M.S.

# TOUROS

O Campo Pequeno abre as suas portas hoje. A corrida, que já tinha um programa exemplar, recebeu mais um belo elemento, um cavaleiro amador de brilhantes apidóides, novo em Lisboa, que aspira à alternativa. Trata-se de Marcelino Balista, de Pias (Alentejo), o qual se apresentará fardado, alterando na lide equestre com José Casimiro e Manuel Matias.

Os dez touros do sr. dr. Norberto Pedroso teem ganho muito em apresentação com o repouso, 1/4 de duas semanas quais, a que os temem obrigado os adiamentos das touradas.

Tomarão parte na lide os espadas «Parceiros e Cantilinas».

Os preços dos bilhetes continuam a ser de 12\$00 escudos a sombra e de 6\$00, 4\$00 e 3\$50, o sol, havendo meias entradas, a 2\$00, para rapazes até 15 anos.

A corrida começa às 17,30.

# ACTUALIDADES GRAFICAS



As medalhas de rémimo destinadas à Exposição de Sevilla. (Círculo Brasileiro).



A Comissão Luso-Espanhola em reunião. (Círculo Serra Ribeiro).



O Alto Comissário da África, Sr. Venceslau Ferreira, com sua família. (Círculo Serra Ribeiro).



A explosão na Rua Garibaldi que foi considerada uma encosta molhada. (Círculo Brasileiro).



Durante o último jardim de bandas, no Jardim da A.R., no Porto, com a assistência do Sr. Comandante da Região.



## A PROCLAMAÇÃO DO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

ASPECTO GERAL DA SALA DO CONGRESSO DA REPÚBLICA DURANTE A PROCLAMAÇÃO. — NA TRIBUNA, O CORPO DIPLOMÁTICO ASSISTE À CERIMÔNIA. — UM ASPECTO DA PARADA MILITAR. — UM GRUPO DE GENERais NO PALACIO DA AJUDA. — O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, NA CARRAGEM À «DAUMONT», MOMENTOS DEPOIS DA PROCLAMAÇÃO. — O NOVO GOVERNO, DA PRESIDÊNCIA DO SR. VICENTE DE FREITAS, MOMENTOS APÓS O ACTO DA POSSE. (Círculo Serra Ribeiro)



Aspecto da Procissão das Paus realizada em Coimbra. (Círculo Firmas de Coimbra).



Exibição feita da final de «Basket-Ball» entre o Triângulo Virenses e o Sporting Club de Portugal, da qual o Sporting venceu complete de Lisboa. (Círculo Amália).



Foi decidido entre o Foot-Ball Club do Porto e a Sociedade Militar, em benefício da Casa dos Filhos dos Soldados. (Círculo Jaime Ferreira).



O exímio escritor Dr. José Dantas que desde hoje inicia a «Notícia Sacra». com o brilho da sua celebração. (Círculo Fute-Brasil).



PORTO. — Inauguração da Oficina do Porto em Memória da Grande Guerra. As tropas, encarregadas, e representantes do Sr. Comandante da Região. (Círculo Jaime Ferreira).



A competição náutica que, no Parque Eduardo VII, regata, no «Clássico» eletrico de «Náutica Americana» da foz do Rio Tejo Portugal-Itália. (Círculo Serra Ribeiro).

**E**NTÃO definitivo?

- Sim.
- Irrevogável?
- Sim...

Ele teve um estremecimento de ódio a percorrer-lhe o dorso que, em poucas horas de discussão se alquebraria como o pão de uma irremediável desgraça, e esboçou uma agressão violenta contra o pescoço de Diana, levemente nervosa, hirta, impenetrável, indiferente.

— Cuidado! não me toque! Não esqueçamos quem somos.

Depois, mais tranquilo, o Conde de Paoli ouviu-a muito naturalmente enumerar de novo as razões da sua separação, lia-viajaria, partira para o sul da França a repousar e a despistar o comentário malevolos da sociedade. E a escutá-la recordava as últimas receções, os últimos banquetes, procurando encontrar na multidão de rostos de diplomatas, artistas, galanteadores, aquél que talvez fosse o causador da sua infelicidade.

Recordou rapidamente a sua vida, a sua paixão por Diana, o seu casamento, e nada encontrou que justificasse a decisão da sua mulher; só uma levianidade, a ilusão fatal dos 40 anos querendo fugir à banalidade da vida mundana que levava em Paris, igual à de milhares de casais opulentos a quem não sobrava o tempo para analisarem o problema espiritual da sua união. Escapando-lhe a razão de ser da sua atitude, parecia-lhe maior e mais cruel a ingratidão daquela mulher a quem amava apixonada e ciumemente; então, aquela porção de sangue d'ósso que ainda corría nas suas veias, agitava-se, e Paoli sentiu um mixto estranho de ódio e amor...

— E quanto partes?

— Hoje mesmo.

Separam-se sem mais uma palavra. A noite, consultados todos os horários de expressos que irradiam de Paris, explodidos os nomes dos viajantes dos Pullmans e dos Wagons-Lits, foi no Quai d'Orsay que a viu entrar, sotina, enrougada no seu petit gris macio, um passo apressado e seguro. Paoli ainda julgou que seria verdadeira a causa da solidão, da neurose, mas os seus olhos pouco depois descoloriram um pequeno sorriso de felicidade num curto passagio do Sud — Monsieur de Castro — um português, attaché da legação, que vira duas ou três vezes ultimamente, tipo triquelito, olhos escuros, voz suave e suave que gave as frases uma expressão velada de tristeza e voluptuosidade calma e enternecedora.

Quando à hora da partida, o «expresso» desceu suavemente ao longo do cais, pôde ainda descobrir que Mr. de Castro se aproximava de Diana, tomou logo na «cabine» a seu lado. O resto adinhou, olhando fixamente até perder-se na negrua do tunel, as luzes vermelhas do «expresso» onde se construía uma felicidade sob os primeiros alvoretos do seu ódio nascente.

Quasi um ano depois, passava sob a Porta de Brandenbourg em direcção ao Tiergarten, quando o «expresso» desceu suavemente ao longo do cais, pôde ainda descobrir que Mr. de Castro se aproximava de Diana, tomou logo na «cabine» a seu lado. O resto adinhou, olhando fixamente até perder-se na negrua do tunel, as luzes vermelhas do «expresso» onde se construía uma felicidade sob os primeiros alvoretos do seu ódio nascente.

Havia no ar «confetti», serpentinas, balões hesitantes ao lombo, e os últimos acordes de um «cox-trot». O senhor, um pouco escondido, procurava avidamente alguém. E a sua face não podia deixar de transparecer uma d'or violenta quando os seus olhos encontraram o que procurava: Alexandre de Castro beijava com sofreguidão os braços de uma mulher.

Diana sentiu-se apunhalada. Compreendeu ante a formosura vulgar da estrela do «Kabaret» a

#### AGÊNCIA FOTOGRÁFICA

A reportagem do 3º Portugal Itália que hoje publica, foi-nos fornecida por esta conhecida casa — Rua das Praias, 207 — sem dúvida uma das melhores de Lisboa no seu género.



O concerto não me agrada muito mas em compensação gosto de certos detalhes.

— Faz bem... eu vou vendê-lo em realista.

— O concerto não me agrada muito mas em compensação gosto de certos detalhes.

— Faz bem... eu vou vendê-lo em realista.



**Emocionante novela inédita de Armando Ferreira, onde se chocam múltiplos sentimentos e paixões numa vertigem de ação cheia de enredo e interesse.**

força poderosa que lhe arrancava o amante. Não podia lutar. Ela, que conhecia a volubilidade do seu português sonhador e inconstante, teve certeza de ser vencida,

Retirou-se apressadamente, ante os sorrisos e olhares ironicos dos «grooms» de verde e os criados solícitos.

O Mercedes levou a a Kurfustendam onde moravam Alexandre de Castro só regressou de madrugada, como todas as noites, e sem reparar no silêncio angustioso de Diana.

Poucos dias depois recebeu um bilhete onde a maldade brincava com a tragédia. Vá hoje assistir à partida do «Expresso do Oriente». Alguém aí a poderá interessar.

Alexandre de Castro, sem uma palavra, fuga-lhe, seduzido por uma mulher mais bela e mais nova do que ela...

Diana voltou a Paris. Habilmente procurou informar-se entre os amigos conhecimentos, do destino do seu ex-marido, o Conde de Paoli: Nada pode saber; desaparecerá, tão misteriosamente como ela. Tranquila e tristemente come-

çou enião a refazer a sua vida. Um grande rapaz, imberbe, mas poderoso de punhos, que se intitulava tenente da aviação britânica na disponibilidade, tornou-se seu companheiro, seu confidente. Diana sentiu pela sua loura juventude, cheia de alegria e bom humor, uma nascente paixão. Passavam a 120 a hora num carro de corridas, ludicamente amarelo, e o seu patrício subiu na estrada de Chantilly, com dois pinhos no chão, alvorotou Diana...

Douglas tinha a despreocupação insensata, duma grande criança. Ria abertamente, ria perdidamente, ante os arrobos sentimentais da sua amiga e afigava-lhe os cabelos com a mesma volúpia indiferente com que afigava o tabaco louro dos seus intermináveis cigarros. E ela com mais de quarenta anos não sabia como explicar a sua nova paixão onde havia muito de amor de mulher e algo já do amor de mãe.

Mas um dia, também Douglas desapareceu, apressadamente, num expresso da linha do Norte, chamado com urgência por um telegrama que vinha assinado Dolly.

— Dolly? Quem é? perguntou Diana, alvorada.

— Oh! Ninguém. É minha noiva. 17 anos... My girl...

#### UMA CAMPANHA NACIONALISTA

## Grande Concurso de Fotografia para amadores

revelará, aos portugueses, de Norte a Sul, o que ainda muitos desconhecem.

O grande concurso de fotografia, para amadores, que *O Notícias Ilustrado* organiza, e que está despertando entre os nossos numerosos amadores o maior entusiasmo, é o primeiro que em Portugal se promove com as suas características.

As condições a que os concorrentes devem submeter-se são extremamente simples: Basta enviar ao *Notícias Ilustrado*, secção regionalista do *Diário de Notícias*, uma boa prova, de preferência não colada, da fotografia apresentada ao concurso, a qual levará uma legenda e será acompanhada de um envelope com a mesma legenda. Posteriormente, esse envelope, deverá conter o título da prova, o nome do autor e a sua morada.

O resultado do primeiro concurso mensal será: Tipos populares portugueses. O que não impede que, neste assunto e adentro dele, intervenga a paisagem, decorativamente.

Haverá três prémios, respectivamente de 400, 200 e 150 escudos, sendo o último constituído por um vale de compra que

dará direito a um premiado a adquirir, em qualquer loja de foto, o material Kodak de que necessite, até àquela quantia.

As demais condições são as seguintes: a) Serão as fotografias feitas com material Kodak e outras acompanhadas de declaração do autor de que foi uso e material empregado. b) Os amadores fotógrafos enviarão até 30 de corrente, à redação de *O Notícias Ilustrado*, as provas de que desejam ao concurso, as quais devem trazer uma legenda indicando o nome e morada do autor, assim como a designação do que representam. c) Os concorrentes premiados receberão imediatamente, pela forma que a direcção, os prémios que lhes forem atribuídos.

d) O premiado de um mil réis poderá ter um mês seguinte, embora possa receber o primeiro prémio depois. e) Os concorrentes premiados terão a publicação das suas «obras» e das suas fotografias em *O Notícias Ilustrado*. f) Todas as obras «eléctricas» evitadas, cuja fotografia interesse o público, serão oportunamente publicadas. g) Para melhor reprodução das «obras», os concorrentes deverão facilitar as negativas ao *Notícias Ilustrado*, sempre que lhes forem necessárias. h) O juri deste concurso será composto pelos diretores de *O Notícias Ilustrado*, por um diretor da Kodak Limited e pelos fotógrafos profissionais Serra Roberto e Octávio Bobone.

As juntas a direito de exigir, sempre que tenha de decidir e entender dever factível, os elementos de prova necessários para averiguar se as «obras» estão dentro das condições establecidas para este concurso.

E lá foi, deixando Diana novamente enregue à dor da sua solidão.

Teve outras aventuras... O tempo ia passando... Diana procurava um apoio à sua vida, nem nenhuma das grandes armas da mulher, habilmente manejadas pela sua inteligência evitava que o «seu senhor», um dia, a deixasse para seguir novos rumos e novos amores.

Aos cinquenta anos, a sua face resistia dificilmente aos estragos das lutas íntimas, e das ilusões desfeitas,

Sem cerrados olhos, contemplava as fimbrias do oceano a embravar na areia, a espandar-se nas rochas. Sentia-se arrazada, alastra para o mar, para aniquilar o seu sofrer; naquela mesma tarde, ali, em Blarritz, André Salomon, o rico judeu que durante dois anos compartilhava da sua vida, e a quem ajudara devotadamente a aumentar a fortuna, partira com a filha dum milionário americano, primeiro prémio de beleza no concurso do Casino Biéveire. Senia, sem querer, duas lagrimas frias a correr-lhe as faces; não de tristeza, mas de raiva, de desespero por não poder vencer o destino. Tinha desejos de se alzar à água... Alastrava a ondulação monotona do oceano...

Mas, subiu, cunhava na estrada, que passava perto, um automóvel parado. Um homem, saltando dificilmente pelos rochedos aproximava-se e apressado do ponto onde ela estava. Vinha ofegante, alterado, sombrio...

— Julguei que não chegasse a tempo...

Diana olhou-o sem compreender. Depois, foi surpreendida, o asombro... Aquela voz, aqueles olhos carregados, trespassando como agulhas finas... Mumurou:

— De Paoli? Mas...

Ele passou-lhe o braço pela cintura, e levou-a sem resistir, para o carro...

— De Paoli!!!

No hotel, ele beijou-lhe as mãos, aquecendo-as com os seus dedos... Ambos estavam velhos; Diana olhava-o, sem compreendê-lo, tentando adivinhá-lo... E Paoli, foi abrindo o seu velas confidências:

— Vingui-me, Diana! Vingui-me, como saí bem vingar-me os do meu sangue. Era preciso que tu sentisses a mesma dor que eu senti, quando me deixaste. E' tão fácil roubar um homem a uma mulher. Sim, porque fui eu quem roubei todos... Segui-te... espiei-te, conheci a tua vida teda. Matar-te? para quê? Antes tirar-te a vida pouco a pouco... Perdei-te 10 vezes como o mesmo golpe que me vibrava! Lembras-te do moreno M. Castro, o vago diplomata dos meus amores? Pois fui eu quem pagou à Diana Karen para o seduzir... O telegrama a Douglas faiu que o mandou... Dizeste-me o meu amor para te iludires julgando que os outros te a amavam... Qual! Inconsciência de mulher... En quanto a tua beleza, a tua mocidade fugia eu a encontrando sempre mais mocidades, mais encantos, para seduzir aqueles que tu querias para ti! E de cada vez que tu sófias, eu sentia-me vingado... Quando qualquer deles te abandonava, eu via ainda a nig ura em que minha alma ficou quando deixou de ser o expresso que te levava de mim... Era enão feliz...

Agora somos dois velhos... Nem beleza... Nem esperanças... nem amores... Vamos ficar aqui, para um do outro... lado a lado, porque o meu amor é assim... Desteol, vinga-se... mas é sempre fui, o único que tu fvestes na tua vida... Diana não sentia com forças para resistir. Olhava as mãos a estremecer de velas pronunciadas, e via num espelho em frente o acinzentado dos seus cabelos a branquear. Ficou-Odeando aquele homem que a venceria como fosse o destino, ficava porque já não tinha armas para a luta...

Eram agora duas almas amarranhadas pelo amor, procurando entre as recordações, e a discussão do Passado, as últimas ilusões para se amarem e se odiarem.

#### CLUB NAVAC DE LISBOA

Há domingo, pelas 8 e meia da manhã, realiza-se o primeiro passeio da flotilha de remos deste clube, a Pedroso, efectuando-se após o regresso um almoço de confraternização no Restaurant Club, no Chiado, para o qual estão inscritos muitos sócios



— Porque matou o V. que o Pinto é mais feio que o Diabo?

— Porque toda a vida tens evitado dizer que o Diabo não é tão feio como o Pinto...

MARGARINA

DELICIOSA



Especial para pão

A MAIS FINA QUALIDADE

Fundição Tipográfica  
**«A FUNTIPO»**

Diretor Técnico P. GINI

FUNDIÇÃO DE TIPOS - TIPO COMUM, FANTASIAS - ENTRELINHAS - FILETES, VINHETAS, ETC. O MAIS MODERNO NESTE GÊNERO E EM MÁQUINAS TIPOGRAFICAS E ACESSÓRIOS PARA TIPOGRAFIA. BOA MATERIAL E ACABAMENTO.

Sede: R. Nova da Piedade 62 - LISBOA  
Filial: R. do almedina 438 - PORTO  
TELEFONE N.º 4236

V. Ex. quer vestir com elegância e economia? Vista-se na  
**Alfaiataria SMART**  
SEÇÃO DE CAMISARIA  
Preços sem competência  
Telefone Norte 3070  
Rua de S. Pedro d'Alcântara, 65 a 69  
LISBOA

É a mais bem feita e completa REVISTA FEMININA PORTUGUESA. DIVERTIDA, INSTRUTIVA, ACONSELHADORA, É A UNICA QUE DA MODELOS ORIGINAIS, COM EXCLUSIVO, QUE EXPRESSAMENTE MANDA DESENHAR A YVETTE.

## A EVA

UM DOS MAIORES NOMES DA ALTA COSTURA PARISIENSE. A EVA É A MAIS MODERNA, A MAIS ELEGANTE, A MAIS PRÁTICA E UTIL. REVISTA FEMININA. INSERE SEMPRE: Artigos literários, em prosa e em verso, magníficas ilustrações, figurinos de vestidos e chapéus, a última palavra do chic parisiense; debuxos artísticos; refeccões de utilidade e escolhidas iguarias; notícias de arte, teatro, vida elegante, etc. Cada número conterá, em breve, coupons que darão direito a importantes descontos em artigos de todo o género.

ANTONIO FERRO

(Desenho de Covarrubias, na revista «Vanity Fair»).

## COMÉRCIO — LINGUAS — EXPLICAÇÕES

Cursos rápidos de Comércio — Preparação para exames oficiais — Caligrafia

Pedir prospectos com condições ao director CARDOSO DE SÁ. Peçós especiais para estudantes pobres, incluindo livros para estudo. Inserção das 15 às 22 horas na secretaria da ESCOLA DE COMÉRCIO, Rua ALVES CORREIA, 87, 1º

## Bilhetes postais ilustrados

FAZEM-SE PARA TODO O PAÍS. COMPETE-SE COM O MELHOR DO ESTRANGEIRO.

Pedir orçamentos

Ocogravura, Limitada

RUA D. PEDRO V, 18

## CARTOMANTE, SOMNAMBULA, CHIROMANTE E ESPIRITA

O poder oculto que possue A. de Souza está assoberbando os incrédulos, conseguindo bons casamentos, união entre amantes namorados, esposas que se acham separadas dos maridos, bons negócios e empregos, etc., tudo consegue: E esta a pessoa até hoje conhecida com mais poder, e que maior sucesso mundial tem alcançado. Dá M. E. Eudoro a quem prova never pessoas de mais poder, vende talismãs para sorte. Consultado sobre os casamentos, que há pessoas que a querem imitando é a única em Portugal que vos pode dar a felicidade. Envie 15000 para resposta a A. de Souza — Rua do Sol no Bato, 215, 5.

Para asegurar  
um bom sonno.

Gosa V. Exa. de um bom sonno, tranquilo e reparador? Ou pelo contrário passa muitas horas acordada, inquieta, acabando por se levantar mais fatigada do que quando se deitou?

A necessidade não é a maior parte das vezes provocada pela doriente. As cantas malas frequentes, são provavelmente a causa.

1) Um alimentação irracional. Uma refeição mal elaborada à noite perturba o sono e o repouso.

2) A agitação intelectual, o excesso de trabalho, os cuidados, as preocupações perturbam o sono.

Não tem nada melhor para asegurar um sono reparador como uma chaveta de Ovomaltine ao deitar.

uma chaveta de  
**OVOMALTINE**  
ao deitar.

A venda em todas as farmácias e lojas

Dr. A. WANDER, S. A. BERNE  
Únicos concessionários para Portugal  
ALVES & C. (BRAMÃO)  
Rua das Corvinas, 81 - P.  
Lisboa

A Ovomaltine faz desaparecer a tensão do estômago vacante e evita a sua excitação insensata, tão prejudicial ao sono.

A Ovomaltine repõe também o consumo diário das forças e tonifica os nervos, seja no exercício, seja no repouso, ou na recuperação do sono.

A necessidade é com frequência o primeiro sinal de que as forças de reserva se começam a exaurir. Augmenta, pois, estas reservas com



**Veramon**  
Schering

Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

# ESPECTACULOS

8. TRINDADE E NO GYMNASIO

ESTREIAM-SE, COM BEM MARCADO EXITO, UM ORI-

GINAL PORTUGUÊS E UMA TRADUÇÃO



6. TEATRO VARIEDADES

SÓBRE A SCENA UMA LINDA REVISTA COM UM QUADRO DEDICADO AO NOSSO JORNAL



## noites de primeira

INFANTE SANTO—EVA NUA  
E CRUA—FADO LIRÔ

E natural que 3 primeiros, de gêneros tão diferentes numa única semana, causem em certos espíritos, uma certa confusão.

Foi o que aconteceu a um pobre rapaz chegado há pouco da província e que, sedento de primeiros, começou misticamente no «Infante», quiz depois vir à «Eva» ao natural e acabou no «Fado todo sôr», fazendo já tento de ir p'ra «Demônios» na próxima semana.

A carta em que ele manda à família as suas impressões, responde-se é claro da sua vertigem corrida teatral, que teve o seu inicio na tragedia e o terminou na revista.

Segue a carta:

Senhora minha prima: — Que ao receberes esta minha carta, estejais de perfeita saúde é o que mais voi desejar, e a toda a família. En bem louvado Deus; santo avô; e muita bem impressionado com as «primeiras» que venho de encenar. Podes crer, é só de quem sou, que vou passar a frequentar todas as primeiras, a ir da primeira à ultima.

Não podes imaginar a impressão que nos causa a morte provoca, que os infelizes dão logo a alma ao criador, melhor dizendo, ao ensaador. E' comovente, acreditar.

O prante azinjo me toldei a vista, de tal guisa, que se não



NO VARIETADES: UM RAMALHETE DE LINDAS CARAS: LINA DEMOEL (direita Fuso-Brasil), MARGARIDA D'ALMEIDA, LUIZA DURÃO, BLANCUTA GARCIA e MARIA BRAZÃO. — A cena da revista «FADO LIRÔ» pintada por BAUTAZAR RODRIGUES, que é dedicada as «NOTÍCIAS ILUSTRADO». (Clubis Baptista).

A peça tem só um «superavit» de pajama variadíssimo, deixa a porta em estilo droguista — que o Adão d'aquele Eva nos vêem logo de entrada, ao sair da cama no 1.º acto. Mas perdão, senhora, estas divagações. Não terminar as mudanças invocadas acaba de Sr. Infante, a peça completamente bêbada, em 6 prologos do Sr. Ray de Pina e 5 actos do Sr. Lina de Oliveira, com versões de Pina em Ray e de Oliveira em Lina.

Muito apreciei também a limpeza com que 2 judeus fazem um golpe de gravatino no 2.º acto, mesmo nas barbas da antivida, nas numerosas batidas de todo o povo. São dois judeus de pericha em estilo Antonio Maria, em estilo Antônio. A peça como vides é muito variada em estilos: é o que nós chamamos: uma peça de estilos.

Ouve dizer que tudo aquilo se passa na meia idade e pelo visto os gravetões na idade média, não estavam com meias medidas e faziam as suas proezas à vista de toda a gente.

Mas o que mais indigna são os tradutores que ali nos apresentam os cardumes. E' o frade Ribeiro Lopes com a mania das grandezas e a ideia de acatar com a pelúcia de mendicante, vendendo o plano da expedição; é o sr. Luís Pinto a passar de grão mestrado, para grão... de bico amarelo julgando; é o próprio rei a passar-se desardonadamente para os moscos e aparecendo em grão vizir, ou sultão, sem sequer mudar a pele que usava no trono.

E' claro que o resultado era fatal. E bem o projectou o Infante no final do 1.º acto, quando na sua comovante tirada em estilo astronômico, diz ao sr. Oteil de Carvalho que não suporta lá por o vê olhar para as estrelas, que o Sr. Luna o fez inútil, porque ele tem a certeza de que o seu fim é desastros.

E de facto, apesar de ver car a sua estrela, ele cai na américa de parto e bem assim se cumpre seu triste fado.

Em comovidão não tive outro remédio se não procurar depois ditoso um fado alegre, para me refazer da emoção. E fui dar ao fado lirô, que é o meu fado que na verdade já não enfada.

Ainda o havei de encenar senhora prima, quando viernes. Com Geraldes e Mirandas, é revolta que pode ser revista várias vezes.

Quando esta vos chegar de máis, já salvo o Infante tenda dada o último suspiro no cariz e não poderes acerto devo-te.

Beba-vos as meias mãos e maflinhas, o vosso primo Ray (sem Pina).

Pela transcrição AUGUSTO CUNHA



Uma cena da peça «Demônios», original de Ramada Couto que, no Trindade, obteve um ótimo êxito.  
(Cílio Nunes d'Almeida)



Uma cena da comédia de Nove, «Eva, Nua e Crua», que venceu braga grande, para portugais.  
(Cílio Nunes d'Almeida)

# O FOOT-BALL INTERNACIONAL

# UM GRANDE TRIUNFO DE SPORT

PORTUGAL VENCE A ITALIA POR 4 A 1



UMA BRILHANTE AVANÇADA DOS PORTUGUESES.—(Cliché Nunes de Almeida.)—ENTRADA NO CAMPO DA EQUIPE PORTUGUESA.—UM «GOAL» DE WALDEMAR.—A EQUIPE ITALIANA.—UMA MOVIMENTADA FASE DO JOGO.—A ENTRADA DA EQUIPE ITALIANA.—OUTRO «GOAL» MARCADO POR VÍCTOR SILVA.—A EQUIPE PORTUGUESA, VENCEDORA DO DESAFIO.—(Cliché Manuel Seixas.)







## do comprem

L. FONNIERS, candeeiros de tecto, lustres de mesa e ferros de enguijar, eléctricos, sem verem os lindos modelos que tem em armazém, a preços sem competência.  
O BICO NACIONAL AUREO  
R. 10 de Dezembro, 33 a 37, Telef. 1947/C.

## Ribeiro & Silva, L. da (CASA DOS ARCO'S)

Comunicam nos seus Fy.<sup>nos</sup> Clientes e Amigos que inauguram amanhã a estação de verão e expõem um grande e variado sortimento de fázeandas e artigos de novidade, do mais requintado gosto e escolhidos escrupulosamente nas melhores casas de Paris e Londres

**Augusta, 154 e 156**  
Telefone Central 2468

### BALNEARIO JUNTO AO S. LUIZ

Aberto das 8 da manhã as 20 horas

**Saturnino Gonzalez Junior**

CALISTA

DESCONTO EM ASSINATURAS

R. ANTONIO MARIA CARDOSO, 64



**API.CA 30 % mais barato**  
reúnta-se de momento ou em poucas horas, qualquer receita médica  
deposita na Rua da Assunção, 25, 1.º (esquina  
com Rua da Prata) — LISBOA — Telefone C. 669  
**JOÃO DE SA'**  
(Casa Fundada em 1912)

TELEF. C. 641

## CASA PALLISSY GALVANI

— DE —

Guilherme F. Simões, Limitada

Colocações, reparações de campainhas eléctricas, telefones, e pára-rafos:

Luz eléctrica. Depósito de todos os aparelhos da sua especialidade

Descontos aos revendedores  
Preços sem competência

13, RUA DE SERPA PINTO, 15 — LISBOA

## OURO E JOIAS COM BRILHANTES

Anéis com diamantes, desde 20\$00. Estóicos com objectos de prata, próprios para brinde, desde 65\$00 Relógios de prata, aço e níquel, afiançados, desde 16\$00. Grande sortimento muito mais.

**BARATO**

Só na curvatura

**Correia & Moura**

RUA DE S. PAULO, 186

(Próximo à Casa de Moeda)



*Se o arranjo da vossa casa vos preocupa  
visitai os*



J.ª Catarina Porto

## «O BÉBÉ ILUSTRADO»

Publicação quinzenal, interessantíssima, destinada às crianças. — Contos, Histórias de feição educativa, Poesias, Maximas, Adivinhações, etc. — De dois em dois números «O Bébé Ilustrado» dá uma folha grande colorida para recortar. Obra magnífica em papel de 1.º grau, profusamente ilustrada. Cada número um ESCUDO. Assinaturas por séries de 10 números Esc. 10\$00.

Redação do «Bébé Ilustrado» Praça dos Restauradores, 13, 1.º

## Gramofones e Discos

As melhores marcas, tais como: «His Master's-Voice» e «Columbia»

Todo o nosso repertório é de gravação eléctrica

## CASA SERRAS

26, Rua do Ouro, 28

(SALA ESPECIAL DE AUDIÇÕES)

## “Os Sports”

Bi-setmanário

Edição da Empresa «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»  
A maior ligação e expansão de todos os jornais desportivos portugueses

O jornal que reúne os mais reputados jornalistas da especialidade

Publica os mais completos relatórios. Mantém secções de todos os desportos — Redacção e Administração RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78 TELEFONE T. 821

## JAZ

LUMINOSIDADE  
DURAVEL



FABRICAÇÃO FRANCESA

## DESPERTADOR DE PRECISAO

A venda em todas as retiúndarias e ourivesarias

## Comprimidos “GIBERT”

O maior específico da

**SIFILIS**

Medicamento muito usado por excesso de sifilis. É o Sifilite que substituiu das incomodas e entossas injeções 914. Cada caixa Esc. 18\$00, remetendo-se pelo correio à compra.

A venda nas boas farmácias. Depósito Central: Farmácia Internaciona- nal de Lisboa, rua do Ouro, 228.

Contra pedido envia-se brochura gratuita só

para a forma de seguir este tratamento.



ELEGANTE  
E  
PERFEITO

SÓ  
OMEGA

## RUGBY

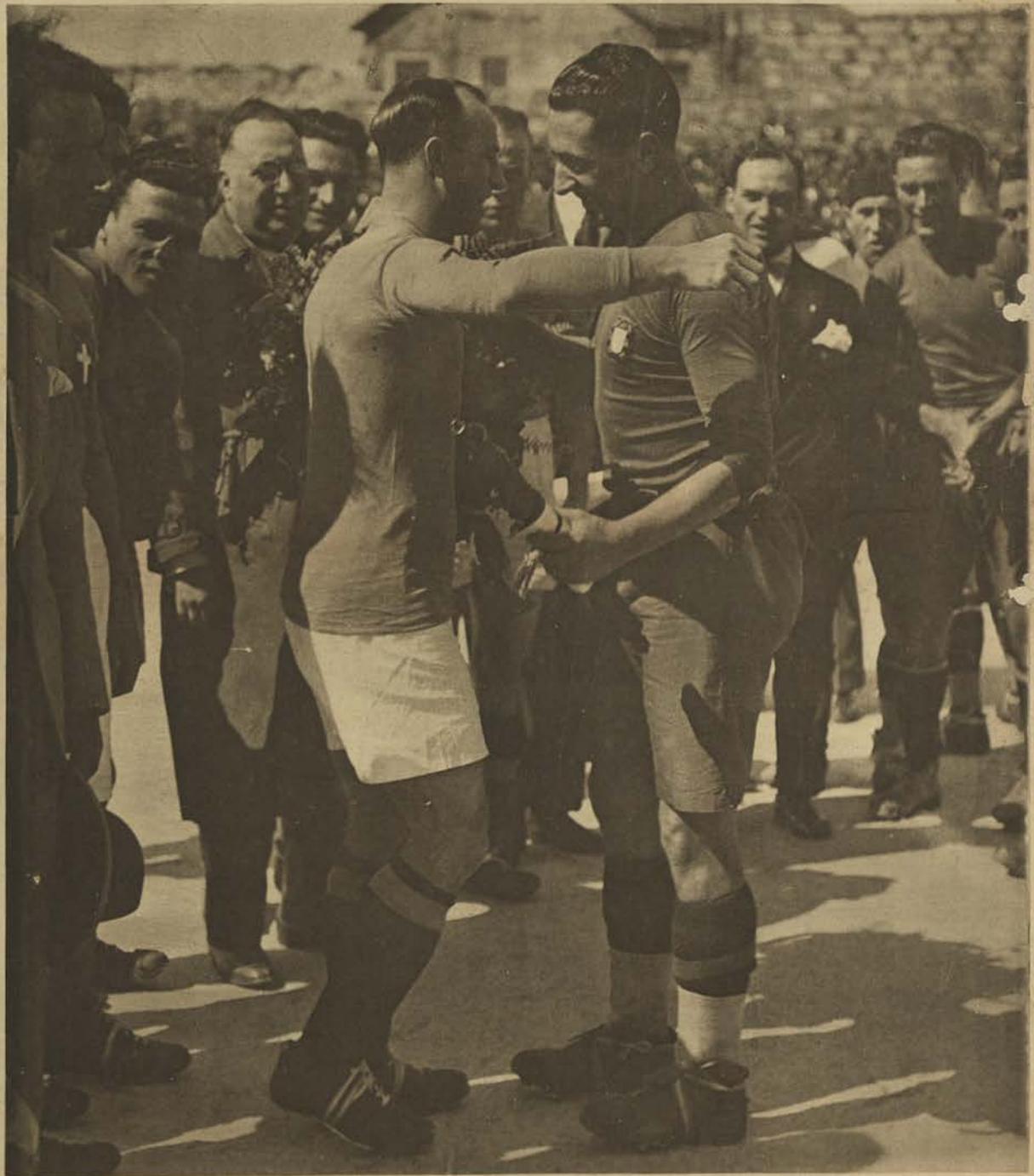
O automovel que mais  
lhe convém comprar

J. J. Gonçalves Sucrs.-R. Rodrigues Sampaio, 98

# O "Notícias" ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIARIO DE NOTICIAS"

DIRETOR  
EDITOR DE BA  
DIRECTOR-GER  
CAROLINO NOGUEIRA  
DIRETOR DE EDIÇÃO  
PROPRIEDADE DA  
SOCIETAT DE DI  
DE NOTICIAS S.  
RUA D'AMBO DE N  
CIAIS, 7 - LISBOA  
OFICINAS GRANDE  
OCOGRAVURA LIMA  
R.D. PEDRO V, 18 - LIS  
LISBOA  
PREÇOS DE ASSINATURA  
Portugal: 1000  
Espanha: 1000  
França: 1000  
Inglaterra: 1000  
Suíça: 1000  
Itália: 1000  
Outros países: 1000  
NUMERO AVULSO 1000



UMA GRANDE VICTÓRIA SPORTIVA NO PORTO

**Portugal venceu a Itália em foot-ball**

No Porto realizou-se o encontro Portugal-Itália, em foot-ball, com uma vitória retumbante para o nosso país, a qual tem um formidável alcance internacional. Waldemar — grande «az» português — marcou uma tarde de glória. Saudemos nêle o Porto desportivo! — (Cliché Manuel Seixas.)